



Dona Metihlde mostra lingüiças feitas por ela e que são consumidas diariamente. Acima, seis dos seus sete filhos: todos com a visão comprometida

Cegueira atinge famílias inteiras

GETÚLIO VARGAS (RS) — Dona Metihlde Marcon, de 63 anos, é uma dessas descendentes de italianos falantes e alegres que dificilmente denunciam qualquer traço de tristeza. Poucas coisas a fazem tirar o sorriso do rosto enrugado e machucado pelo sol de Getúlio Vargas, cidadezinha a 35 quilômetros de Erechim. Basta se lembrar dos sete filhos, dos dez que teve, todos com toxoplasmose ocular, porém, que as lágrimas molham os olhos da velha agricultora gaúcha.

Dos sete filhos com a doença, uma está cega de um olho e outra praticamente já perdeu uma das vistas. Os outros cinco também apresentam graves lesões oculares, que comprometem a visão. O fantasma da cegueira invadiu a casa dos Marcon há cerca de 20 anos, quando a filha mais velha, Irene, hoje com 40 anos, começou a apresentar os primeiros problemas de visão. A partir de então, o drama não acabou mais.

— Foi aparecendo o problema em outro, depois no outro e não parava mais. Até pensava que a doença passava de um filho para outro — lembra-se Metihlde.

Bem perto de Getúlio Vargas, outra família também sofre com o drama da toxoplasmose. O casal Clair e Otacir Camerini, morador de Campinas do Sul, possui um filho, André, de cinco anos, com a doença. O menino tem os dois olhos atingidos por

lesões. Com o esquerdo, porém, André já não enxerga quase nada. Na escola, ele prefere se sentar bem na frente.

— É melhor de enxergar — diz André.

Clair, filha de agricultores, sempre comeu carne de porco. Inclusive durante a gravidez.

— Comi lingüiça mal passada. Não conseguia deixar de comer — admite hoje com tristeza.

No pequeno município de Barão de Cotegipe vive o agricultor Leocir Dalla Costa, de 34 anos, filho do casal Alduíno e Egide Dalla Costa. Leocir e seus dois irmãos têm toxoplasmose. No agricultor, o problema maior é com o olho direito. Há alguns meses, no entanto, Leocir já começou a sentir dificuldades para enxergar com o esquerdo.

Apesar do sofrimento de ir perdendo aos poucos a capacidade de enxergar, o agricultor não deixa faltar em casa a lingüiça feita com os porcos de seu chiqueiro. Na sua propriedade, os animais convivem tranqüilamente com os gatos — os primeiros hospedeiros do toxoplasma — e a paixão pelos porcos é tanta que fotografias dos suínos estão nas paredes e até na porta do fogão.

— Fazer e comer as lingüiças é um hábito que a gente não consegue largar — afirma Leocir, repetindo frase das famílias Marcon, Camerini e pela maioria das outras famílias da região.